

Imprefácio¹

1. O livro do leitor

Foi há muitos anos, no tempo mágico e longínquo da infância ou talvez da juventude. Provavelmente aconteceu no pico do Verão, em julho ou agosto, quando o sol a prumo escaldava a terra e o ar ensurdecia. As libélulas enxameavam e zuniam, inquietas, num céu perfeito, sem mácula de nuvens. Naquelas férias, o tempo parecia eterno e os dias espreguiçavam-se, lentos, iguais, um após outro. O leitor destas linhas não tinha nada para se entreter ou, se calhar, sentia-se demasiado amolecido pelo verão.

Sentou-se debaixo de uma árvore, talvez uma macieira, e contemplou o sol filtrado através dos ramos, como coágulos de luz. Fechou as pálpebras, mas continuava a ver círculos sobre círculos luminosos. Bocejou, sonolento. Deitou-se de ventre para baixo, sobre a relva seca, apoiando o queixo nos braços. Por instantes, apreciou a frescura da sombra, mas o corpo demorou a moldar-se ao solo endurecido.

Num capricho, sacou a navalha do bolso das calças de ganga, e começou a escavar a terra. Primeiro, cortou um torrão, que se desfez em pó e foi levado pelo vento, antes de o poder examinar. Depois, escarafunchou fundo e descobriu que debaixo da pele da terra havia outra camada, escura e pegajosa. Rolou algumas pedrinhas brancas entre os dedos, semicerrando os olhos. Escavou um pouco mais, com cuidado, para não se cortar na navalha. Foi então que descobriu a concha devoluta de um caracol. Virou-se de ventre para cima e observou-a, maravilhado pela espiral translúcida. A geometria inacreditável da natureza é matemática pura, e esta tal como a poesia, é a prova mais evidente de Deus. A custo virou-se de lado e arrecadou-a no bolso, para a colocar junto dos búzios e das chaves partidas, que guardava numa caixa de charutos do pai.

Mais alguns golpes de navalha e encontrou uma novidade: uma raiz esverdeada. Puxou-a. Ofereceu resistência, como se estivesse presa ao centro do mundo. Fez mais força, até a terra se abrir, em bainha, e soltar com um estalido, aquela veia vegetal. Cortou-a com os dentes. Cheirava a seiva. Afinal, havia vida camuflada, a dormir debaixo da secura. Meteu a mão no solo, escavou com as unhas, até a terra se entranhar, agora mais húmida. Contemplou os dedos encardidos com restos escuros de húmus, animais mortos e sementes, aguardando o outono. Fechou os olhos e meditou: sob a terra existe mais, muito mais, do que à superfície. Basta

¹ Mancelos, João de. "Imprefácio". *Esperar que a voz seja suave*, de João Tomaz Parreira. Pontevedra, Espanha: El Taller del Poeta, 2014. 5-12. ISBN 978-84-942197-X-X

procurar.

Tal como o solo, a grande poesia é feita de camadas, cada vez mais ricas e profundas. Mesmo os versos aparentemente singelos guardam sob si outras vidas e memórias; sementes e significados; restos e raízes dos textos que influenciaram o autor. É todo um mundo de pequenos milagres à espera de germinarem e verem a luz. Não é tarefa fácil, desvendá-los. Mesmo o leitor experiente necessita de escavar, ou seja, de refletir acerca dos sentidos possíveis das palavras, encadeadas em versos e estrofes. Mas também de meditar sobre os espaços em branco, onde o silêncio consegue ser maior do que o vozeado. Com persistência e releituras, chega a descoberta; com a descoberta, a surpresa; e da surpresa, nasce o prazer. Neste sentido, ler João Tomaz Parreira é encontrar a fertilidade funda da melhor poesia.

2. O livro do poeta

Oito de setembro de dois mil e treze. A noite há muito que caiu sobre a cidade. A gata branca e cinzenta entra, com passadas leves e despudorado à-vontade, no escritório do poeta. Ignora a estante repleta de livros, na vertical e na horizontal, tijolos cimentando uma parede de palavras. Não contempla o quadro de Michael Barrett, onde Fernando Pessoa, a corpo inteiro, senta carinhosamente, no joelho, um dos heterónimos. É o calor branco do candeeiro horizontal, aceso, que a gata procura.

Ouvem-se outros passos, os do poeta. Entra e senta-se à secretária diante de uma folha de papel. João Tomaz Parreira cofia a barba grisalha, respira fundo, compõe os óculos, pega na caneta e hesita. Não pode haver instante mais íntimo do que este: o artista perante a brancura. Uma página pode ser a neve ou a nudez morna de uma mulher; a torrente de palavras ou o mais frustrante e silente nada. O primeiro verso, dizia Paul Valéry, é oferecido aos humanos pelos deuses da inspiração. Os seguintes podem jorrar ou sair a ferros. Existem mais poemas inconclusos ou por nascer, talvez, do que obras vivas.

A caneta desliza pelo papel: “Há anos que escrevo o mesmo poema / os meus dedos / conhecem o caminho e guardam silêncio / conservam o que tenho / para que ninguém tome a minha coroa / há anos que gasto as minhas mãos / nas mesmas pedras”.

O ofício do poeta reside nesta busca intranquila. Os textos são sempre efémeros: têm apenas a longevidade do trovador; a robustez da pedra mármore que o vento e a chuva abrasam; os segundos que o papel e a tinta demoram a incendiar. Só as perguntas são eternas: onde reside a palavra certa? Como transpor o abismo entre um nome e aquilo que este significa? Quanto pesam o som de uma sílaba, o ritmo e a música? A quem se reza para escrever?

A gata caminha indiferente pela secretária. O poeta recosta-se e respira fundo.

Gatafunha um pouco mais: “O mesmo poema lava-se / lava-se cada dia na corrente sanguínea / para as visitas da divindade. // Não há novas palavras é engano / dos dicionaristas, polir palavras / para serem novas como os que restauram / telas ou as colunas do Partenon”.

O poeta hesita, olha à distância e pergunta-se: algum dia encontrarei a minha própria voz na polifonia de tantos autores? Como sobreviver à influência de Fernando Pessoa, Sylvia Plath, Virginia Woolf? Será possível ver pela primeira vez, com o olhar de um recém-nascido, o amor e a morte, a natureza e a gente? Terei algo de novo a dizer, eu que cheguei tão tarde, na história da poesia? Ainda restará algo por dizer? É possível ser o novo e o velho?

A gata ronrona, agora mais inquieta. João Tomaz Parreira tira os óculos, esfrega o rosto. Os minutos passam. Talvez prossiga amanhã ou guarde o poema para outra noite. Porém, de súbito, a centelha, o remate perfeito, os versos do matador caem sobre a página. O coração palpita rapidamente, enquanto redige: “Por isso há anos que escrevo o mesmo poema / sem aparências, não há outros / os poemas são como os pássaros de Salinas / o mesmo pássaro imenso”.

Saboreia as sílabas: “o mesmo pássaro imenso”. Dentro de cada homem e mulher existe sempre uma canção à espera da voz. E, no entanto, a música é maior do que cada canto individual; é a essência, não o resultado. O poeta sorri. Tem as mãos sujas de tinta e placenta. A gata, essa, adormeceu. E ninguém sabe com o que sonha.

3. O livro do crítico

Reler os poemas de João Tomaz Parreira foi como reencontrar velhos amigos, após uma longa ausência. Conheci a maioria destas composições através de uma rede social, o Facebook, onde o autor generosamente partilha os seus textos, com uma assiduidade quase diária, prova de um génio profícuo. Sugeri-lhe a recolha e publicação em papel destes e de outros poemas, para que não se circunscrevessem a um público tão restrito e nem sempre conhecedor. Prontifiquei-me ainda a redigir este “imprefácio”, assim intitulado por ser diferente, no estilo e no espírito, de quase tudo quanto tenho escrito. A literariedade da poesia de Parreira suscitava uma abordagem assim, apaixonada. Fiquei feliz quando o autor acedeu à sugestão porque, como na parábola bíblica, acredito que os talentos, sobretudo aqueles que inequivocamente reluzem, não devem ser enterrados.

Sem cerimónia, a obra deste autor pode ser resumida em três palavras: bela, brutal, incómoda. Nas últimas décadas, a poesia interventiva, tão popular antes e no tempo imediato à Revolução de Abril, quase se extinguiu no nosso país, cedendo lugar a textos puramente líricos, por vezes insossos, quase sempre alheados da realidade. Parreira não cedeu à tendência e

revisita a História passada e recente, para que o mundo não esqueça: o Holocausto, em “Barraca 66”, entre outras composições; a Guerra Colonial, onde combateu, em “O Bom Soldado”; ou a fome que *hic et nunc* grassa, em “Índice Global da Fome”. É, pois, uma poesia comprometida com o tempo — mas nunca panfletária nem facilitista.

Neste contexto, é impossível não sentir um calafrio, ao ler “Barraca 66”, uma composição dedicada às crianças sobreviventes da ala infantil do campo Buchenwald, que transcrevo integralmente: “Esperavam que a voz fosse suave / as palavras novas / num toque de pluma nos ouvidos / nos olhos / que não estão assustados / O sorriso começa agora a dar um ar / das suas asas, um pássaro / novo / d e i x a alegres vestígios sobre a neve”. E depois, na página seguinte, deparo-me com a sequela reconfortante, intitulada “Libertação”, e escrita com as mesmas palavras-chave do texto precedente: “A neve / que caía como as plumas / de um céu assustado / era um toque suave nos cabelos / nos rostos e nas fechadas mãos / ao frio / era a primeira voz de amor / a neve, no silêncio / branco que se ouvia”. A poesia de Parreira não vive de desespero amargo, mas da esperança redentora; por isso, o leitor encontrará nestas páginas a dor do agulhão, mas também a doçura calmante da neve.

O escritor norte-americano Wallace Stevens aconselhava: se não tiverem religião, ao menos tenham poesia. Sendo cristão evangélico, o autor deste livro possui ambas, e por isso não surpreende que vários dos seus poemas se enraízem nas Escrituras ou evoquem a sagrada palavra. Numa entrevista concedida a José Brissos-Lino, Parreira argumenta: “(...) o poeta não deve ter ‘agenda’, que não seja a Humanidade, as experiências do Ser, e, se for religioso, a relação necessária do Homem com Deus, exprimindo o que sente em relação ao que vê, transformando o seu olhar em poesia. Platão disse-o, um dia, de outro modo: a poesia é a passagem do não-ser para o ser. Esta é a agenda”. O texto “O que conduz ao poema”, quase um manifesto pessoal, assume e testifica esta influência: “Não é o corpo de mulher / que ao poema me conduz, nem o consolo / da vista, de promontórios de seda / ou lagos nos olhos, pode ser a sua sombra / cabisbaixa com o cântaro ao peito / ou apenas os pés, que deixem marcas / de ternura ao redor do poço de Jacob / Não é o falso ouro dos cabelos / nem as rosas de Damasco / nem os passos do mar quando vem / descansar nas praias do Sul / sequer a presença regular das estrelas / na noite sobre a minha rua / o que me conduz ao poema / são apenas as palavras, todas / com a sua forma de silêncio, Deus / até, o único templo em que entro / nos meus versos”.

E poderia haver outro legado se, no fundo, todos os poetas são pregadores, profetas e missionários? Se dentro deles marulham as vozes do passado, mas também a esperança do futuro? Que esta voz se solte, suave e persistente, em cada sílaba.

Ámen.